

CORPO E AFETO: CONSIDERAÇÕES LACANIANAS

SUELY AIRES

Suely Aires é professora de teoria e clínica psicanalítica (UFRB); coordenadora do Serviço de Psicologia da UFRB; mestre e doutora em Filosofia da Psicanálise (Unicamp). Membro do Colégio de Psicanálise da Bahia, membro fundador do Centro de Pesquisa Outrarte – psicanálise entre arte e ciência; líder do Grupo de Pesquisa Psicanálise, Subjetividade e Cultura (CNPq). E-mail: suely.aires7@gmail.com

RESUMO: Em sua releitura da teoria freudiana, Jacques Lacan destaca a função da fala e afirma que o inconsciente se estrutura como linguagem. Em uma aproximação superficial à teoria lacaniana, tem-se a impressão de que o afeto teria sido negligenciado em prol do conceito de significante. Neste artigo defendemos que há uma teorização lacaniana dos afetos e, para defender nossa hipótese, buscaremos discutir os modos de apresentação deste conceito na teoria lacaniana.

Palavras-chave: Afeto. Corpo. Linguagem. Clínica psicanalítica. Lacan.

ABSTRACT: In his reinterpretation of Freudian theory, Jacques Lacan emphasizes the function of speech and affirms that the unconscious is structured like a language. If we consider only a superficial approach to Lacanian theory, we can get the impression that the affect would have been neglected in favor of the concept of the signifier. In this article we argue that there is a Lacanian theory of affects, and to advocate for our hypothesis, we will seek to discuss ways of presenting this concept in Lacanian theory.

Keywords: Affect. Body. Language. Psychoanalytic practice. Lacan.

A incompreensão dos sintomas histéricos por parte da medicina de fins do século XIX produziu um enigma para o saber que possibilitou a Freud a construção das hipóteses fundadoras da psicanálise. Por meio da escuta clínica, Freud buscou explicação e alívio para o sofrimento humano e apresentou como suposição produtiva a articulação necessária entre corpo e inconsciente. O ponto fundante desta articulação é justamente sua concepção de afeto, entendido como desarranjo da homeostase corporal (FREUD, [1895] 1969), estado que se coloca na relação prazer-desprazer (FREUD, [1900] 1969), e que incide tanto sobre o corpo quanto sobre o sujeito. Nesse sentido, o afeto, na psicanálise freudiana, apresenta-se ao mesmo tempo como índice clínico – o sofrimento é uma verdade subjetivamente reconhecida

que evidencia o desprazer do sintoma – e como construto teórico referido à pulsão (FREUD, [1915] 1969). A relação entre corpo e inconsciente mostra-se, portanto, eminentemente relacionada à prática clínica já que o corpo não tem estatuto conceitual em Freud.

Um caminho paralelo foi trilhado por Jacques Lacan. Ao realizar uma releitura da teoria freudiana, o psicanalista francês propõe considerar a prática clínica psicanalítica em relação à função da fala (LACAN, [1953] 1998) e afirma que o inconsciente se estrutura como linguagem (LACAN, [1957] 1998). Tendo como base os estudos da antropologia e da linguística estruturais – nominalmente Lévi-Strauss e Saussure –, Lacan defende a objetivação da prática clínica em estreita relação com uma releitura teórica que dê à psicanálise a tão almejada cientificidade. Nesse contexto, afirma que o trabalho do analista deve se sustentar na materialidade do significante e considerar a fala particular do paciente em seu momento de enunciação. Em uma aproximação superficial, tem-se a impressão de que o afeto – como noção fundamental da teoria freudiana – teria sido negligenciado na releitura lacaniana em prol do conceito de significante.

Um olhar mais atento nos permite perceber que o conceito de afeto – como os demais conceitos que ocupam lugar central na psicanálise freudiana – mantém-se na proposição lacaniana de retorno a Freud ao preço de uma releitura teórica que faz recurso à linguagem. Cabe considerar que este movimento, além de seu caráter conceitual, traz uma mensagem política ao buscar diferenciar a produção freudiana da releitura realizada pelos pós-freudianos, em especial no que se refere à prática clínica. Neste artigo buscaremos discutir os modos de apresentação do conceito de afeto em sua estreita articulação com o corpo e a linguagem, tal como apresentado por Lacan.

POSIÇÃO DO ANALISTA

Em sua proposição programática de releitura da psicanálise, Lacan defende que a posição do analista na cura não deve se confundir com a sugestão que aplaca os sintomas, nem tampouco com uma normatização que visa a adaptação social (LACAN, [1961] 1998). Ao manter-se atento à dimensão significante, o analista deve escutar a fala do paciente em sua singularidade e equívocidade, evitando a busca por um sentido já constituído discursivamente. Teoricamente isso implica desconsiderar a contratransferência e a análise das resistências,

procedimento corrente entre os pós-freudianos, devendo o analista manter-se em sua posição de escuta dos significantes colocados em cena.

Essa indicação foi usualmente interpretada como um programa de exclusão da dimensão afetiva na experiência freudiana. Ao afirmar que o termo afetivo “é um termo que é preciso absolutamente riscar dos nossos trabalhos” (LACAN, [1953-1954] 1983, p. 314), Lacan parece corroborar essa interpretação. No entanto, se acompanharmos o argumento lacaniano mais de perto, veremos que não se trata de uma exclusão da *afetividade*, mas da problematização da oposição entre intelectual e afetivo, termos tão em voga nos artigos publicados nos jornais de psicanálise sob a pena dos pós-freudianos.

Aos olhos de Lacan esta oposição reproduz – de um modo empobrecido – a oposição entre afeto e representação, e apresenta a dimensão *intelectual* como devedora de uma supremacia da razão que desconsidera o inconsciente, sendo o *afetivo* apresentado como descaminho que contamina o raciocínio. Nesse contexto, a contratransferência tem seu lugar assegurado como modo de o analista perceber que descaminhos seu raciocínio tomou diante de um outro que resiste ao tratamento analítico. Ou, dito de outro modo, a contratransferência do analista – a percepção e reconhecimento de seus próprios sentimentos diante do paciente – permite conhecer em que medida o outro resiste, já que provoca tais sentimentos no analista. *Grosso modo* essa é a ligação entre contratransferência e análise das resistências no que diz respeito à prática clínica dos pós-freudianos, que, como podemos perceber, não diferencia claramente afeto de sentimento.

Lacan busca, nesse contexto, tanto criticar a oposição entre intelectual e afetivo, quanto defender que a afetividade só pode se inscrever no registro simbólico (LACAN, [1953-1954] 1983). Considera, em seguida, que a afetividade está submetida às trilhas do significante e é exemplarmente dada a ver na *transferência*. Para dar força a seu argumento, Lacan retoma a definição freudiana de transferência como repetição de clichês estereotípicos (FREUD, [1912] 1969) e a articula com a enunciação do paciente, considerando os significantes que trazem à luz as imagens constitutivas da relação do analisante com o outro. O analista não deve, portanto, estar voltado para as próprias vivências, ainda que contratransferenciais, mas ater-se à fala concreta do paciente em sua materialidade significativa. A fala do paciente, tomada como ato de enunciação, revela uma posição subjetiva em que o falante se faz agente e/ou objeto de suas formulações (LACAN, [1953] 1998), em uma construção de sentidos possíveis e de não-sentidos que implode a ideia de uma

linguagem meramente ou eminentemente referencial. Nesse contexto, a análise se coloca como um jogo de reconhecimento intersubjetivo em que a fala tem função de representação subjetiva *para um outro*, sendo, portanto, necessária a dimensão de endereçamento que inclui fala e afeto.

De certo modo, podemos considerar que Lacan propõe *uma questão preliminar a todo tratamento possível do afeto* (SOLER, 2011) por meio da colocação em cena da dimensão de ciframento e decifração presentes no sintoma; ou seja, Lacan insere na discussão a necessária relação entre afeto e linguagem. Em uma perspectiva clínica, pode-se afirmar que, para pensar a afetação do corpo se faz necessário que o paciente fale do que o aflige, o que leva em última instância à *tradução* do afeto na linguagem em uma relação de endereçamento transferencial para o analista. A crítica lacaniana ao uso do termo afetivo visa justamente dissipar o caráter intuitivo e interpretativo da prática clínica dos pós-freudianos e, para tanto, se faz fundamental atacar o conceito central de contratransferência.

Ao mesmo tempo em que critica a postura dos pós-freudianos – a análise das resistências e o conceito de contratransferência –, Lacan lança as bases para (1) uma prática clínica objetiva que podemos apresentar como análise da fala de um sujeito particular e (2) uma apresentação do conceito de transferência como repetição e releitura das vivências já ocorridas por meio do significante. A crítica da oposição entre intelectual e afetivo, bem como a proposição quanto à afetividade, que, segundo a teorização lacaniana, também carrega as marcas do significante, não esclarece, no entanto, o que se nomeia como afeto. Se entre os pós-freudianos, havia uma *confusão*, por assim dizer, entre afeto e sentimento – a contratransferência como reconhecimento por parte do analista dos sentimentos que o paciente lhe desperta –, na teorização lacaniana, o afeto inicialmente não faz uma aparição clara. Sob a pena de Lacan, deparamo-nos com a releitura dos escritos técnicos de Freud – tema de seu primeiro seminário (LACAN, [1953-1954] 1983) – e a problematização do eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise – segundo tema ao qual se dedicou em seus seminários (LACAN, [1954-1955] 1985) –, em um movimento que dá à técnica o estatuto de provocador de seus questionamentos. Nesse contexto, a discussão sobre o *afeto* surge em decorrência de uma questão clínica: de que modo o corpo é afetado pela linguagem, ao se considerar o sintoma?

CORPO E AFETO: IMPLICAÇÃO MÚTUA

Inicialmente cabe destacar que, para Lacan, o corpo se coloca como pano de fundo em diversas incursões teóricas, mas não apresenta estatuto conceitual – mesma condição do termo corpo na obra freudiana. Usualmente, na produção lacaniana, uma noção de corpo surge em relação a outros conceitos, de maneira sutil, porém fundamental. Basta lembrar, por exemplo, que o corpo não foi tema principal de nenhum dos seminários lacanianos¹, mas que é referido em cada um deles em diferentes contextos.

Ao considerarmos as diversas aparições do termo *corpo* na obra de Lacan, encontraremos – de acordo com o período estudado – quatro ideias centrais: (1) uma relação estreita entre corpo e imagem do corpo – período que se inicia em 1933, com o texto sobre *o Crime das Irmãs Papin* (LACAN, [1933]) e que ganha maior consistência a partir de 1936, com o famoso *Estádio do Espelho* (LACAN, [1949] 1998); (2) uma relação necessária entre corpo e significante – tanto o corpo do significante, quanto o significante que nomeia o corpo – período marcado pela virada linguística de Lacan no *Discurso de Roma* (LACAN, [1953] 1998); (3) o gozo do corpo – tema claramente marcado por Lacan no *Seminário 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (LACAN, [1964] 1990), mas já anunciado no *Seminário 9: a identificação* (LACAN, [1961-1962]), quando a palavra mostra-se insuficiente e o simbólico apresenta-se em sua incompletude (LE GAUFÉY, 1996). E, por fim, (4) corpo e substância gozante (LACAN, [1972-1973] 1985) – período posterior a 1973, quando Lacan afirma que disso, do corpo, se goza em sua própria afetação de gozo. Nesse período, o corpo é apresentado como consistência (LACAN, [1974-1975]), cujo suporte não é mais o imaginário especular, o saco – como havia anunciado no início de sua obra –, mas o imaginário que se engendra a partir do objeto *a* e que pode ser abordado pela via do nó borromeu (LACAN, [1974-1975]).

Sem uma teoria específica sobre o corpo, mas mantendo a questão quanto aos modos de sua afetação – de afetação do corpo pela linguagem – Lacan discute o afeto por meio das vivências clínicas, mais especificamente de produção de sintomas. Em sua proposição, não se conhece o afeto senão por meio de sua *apresentação* corporal, pelo seu modo de passagem pelo corpo. Nesse sentido, o afeto em sua relação ao corpo coloca-se na discussão do conceito

¹ Mesmo no *Seminário 20: Encore* ([1972-1973]), em sua assonância a *un corps*, o corpo surge em relação à discussão sobre gozo, conceito este que pode ser considerado como ocupando o lugar central em todo o seminário.

de pulsão, noção que Lacan se proporá a reler na década de 60, quando a supremacia do simbólico dará lugar à explicitação de sua incompletude. O conceito de pulsão será claramente problematizado em 1964, ano do *Seminário 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (LACAN, [1964] 1990) sob um viés que vale a pena enfatizar: *a transferência*. Nesse ponto, defendemos que a querela com os pós-freudianos – que já vimos trabalhando anteriormente em relação à proposta programática de objetivação da clínica – toma uma outra nuance argumentativa, claramente apresentada por Lacan:

A transferência, na opinião comum, é representada como um afeto. Qualificam-na, vagamente, de positiva, ou de negativa. Aceita-se geralmente, não sem algum fundamento, que a transferência positiva, é o amor. Contudo é preciso dizer que este termo, no emprego que se faz dele aqui, é de uso inteiramente aproximativo. (...)

A transferência negativa, é-se mais prudente, mais temperado na maneira que se tem de evocá-la, e não se a identifica jamais com o ódio. Emprega-se antes o termo ambivalência, termo que, mais ainda que o primeiro, mascara muitas coisas, coisas confusas cuja manipulação não é sempre adequada. (...) Não poderíamos, certamente, nos contentar de modo algum com isto, pois que nosso fim é abordar o conceito de transferência.

Este conceito é determinado pela função que tem numa práxis. Este conceito dirige o modo de tratar os pacientes. Inversamente, o modo de tratá-los comanda o conceito (LACAN, [1964] 1990, pp. 119-120).

No trecho citado, vemos a indissociabilidade entre teoria e clínica na proposição lacaniana de releitura da psicanálise, mas também podemos perceber a preocupação de Lacan em não tomar a transferência como afeto, destacando sua função na práxis analítica; ou seja, busca apresentar a transferência em sua atualização na fala endereçada ao analista e, por conseguinte, na posição assumida pelo analista na escuta do significante. Logo em seguida a essa citação, Lacan registra *en passant* a acusação de ter produzido uma intelectualização da psicanálise (LACAN, [1964] 1990, p. 120) e aproveita a oportunidade para reafirmar a necessidade de considerar o afeto de forma precisa, não o aproximando de *afetivo*, em seu uso comum. Em última instância, trata-se para Lacan de precisar de que maneira a linguagem e o inconsciente determinam os afetos, tanto no sentido de os produzir, como de especificar seu modo de apresentação para o sujeito.

O recorte efetuado por Lacan em sua argumentação toma como apoio o texto freudiano *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* ([1905] 1969) para diferenciar o que é da ordem do amor e o que é da ordem do afeto, momento em que define a pulsão como “(...) essa montagem pela qual a sexualidade participa da vida psíquica, de uma maneira que se

deve conformar com a estrutura de hiância que é a do inconsciente” (LACAN, [1964] 1990, p. 167). Temos aí três campos demarcados: o amor, o afeto e a pulsão. O amor, apresentado em relação ao conceito de transferência, mostra sua face imaginária; o afeto em sua relação ao corpo, se diferencia do sentimento; e a pulsão, como conceito limite entre o psíquico e o somático – definição freudiana clássica (FREUD, [1915] 1969) – tem o estatuto de uma montagem que articula corpo, sujeito e Outro, mantendo-se não representável. O simbólico tem aqui sua incompletude firmemente sustentada pelo argumento de Lacan.

CORPO E SUJEITO

Lacan não recorre à construção freudiana de um aparelho psíquico, modelo construído por Freud sob influência da neurologia do século XIX, pois se propõe a reler os conceitos freudianos por meio, inicialmente, de um recurso à linguagem – característico do século XX – , e, posteriormente, à topologia. Esse movimento permite a dessubstancialização dos conceitos e a problematização da separação entre interno e externo de uma forma que torna possível tomar a psicanálise em uma vertente concreta, porque clínica (POLITZER [1929] 1998). No bojo dessa discussão, o corpo será pensado em uma tripla vertente – imaginária, simbólica e real; corpo próprio, corpo-outro e organismo – e a pulsão será descrita como o resultado da transformação das necessidades da criança (*infans*) pela demanda do Outro. Mas se essa construção teórica pode parecer mais elegante que os modelos energéticos e hidráulicos de Freud, nem por isso perde seu caráter ficcional. Visando evitar a especulação, mais uma vez será a clínica que dará o suporte para as construções conceituais de Lacan e permitirá abordar o afeto, tema de nosso trabalho.

Antes, porém, de discutir diretamente o afeto, façamos um exercício de pensamento: tomemos os mesmos períodos referentes ao corpo, que apresentamos anteriormente, em relação ao conceito de sujeito e vejamos o que podemos extrair dessa sobreposição de planos. Período (1): em 1932, quando da escrita da *Tese* (LACAN, [1932] 1987), encontramos no texto de Lacan, de forma velada, uma definição de sujeito que não se confunde com a noção de indivíduo. A preocupação em distinguir sujeito e indivíduo de forma clara só se apresentará para Lacan após a leitura da crítica politzeriana, já que, para este último, o sujeito só pode ser considerado como tal se apresentar-se como agente temporalmente e

historicamente situado (POLITZER, [1929] 1998) e – ponto fundamental para a argumentação lacaniana – que não é senhor de si.

Ainda considerando o mesmo período, podemos afirmar que o sujeito também não se confunde com a noção de eu. O texto *O Estágio do Espelho* ([1949] 1998) traz as marcas dessa reflexão e apresenta o estágio do espelho “como uma identificação, no sentido pleno que a análise atribui a esse termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem” (LACAN [1949] 1998, p. 97). A imagem vista no espelho – e confirmada pelo adulto que carrega a criança – apresenta um caráter de superficialidade e unificação semelhante àquela dos pais, oferecendo à criança um semblante de objeto fixo e reificado. Essa identificação alienante, sustentada por uma imagem falsa, produz tanto uma distinção entre sujeito e imagem, quanto uma diferenciação entre sujeito e eu (*moi*). Se, de um lado, o estágio do espelho produz disjunção entre sujeito e imagem e entre sujeito e eu (*moi*), por outro lado, o corpo só pode ter existência por meio da sobreposição entre organismo e imagem em um sistema de identificação.

O segundo período – de 1953 a 1961 – tem como marca *princeps* o interesse de Lacan pela linguística estrutural, tanto no que diz respeito ao corpo quanto ao sujeito. Se em *Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise* ([1953] 1998) Lacan convoca os analistas a se deterem sobre a materialidade do discurso do paciente, abandonando uma técnica de interpretação das resistências, em textos pouco posteriores – *A Instância da Letra no Inconsciente* ([1957] 1998) e *A Significação do Falo* ([1958] 1998) – uma investigação mais efetiva dos enunciados do paciente se apresenta por meio de estudos linguísticos que visam alcançar – mesmo que hipoteticamente – a relação entre significantes que representam um sujeito.

Nesse momento de sua teorização, Lacan, ainda em busca de uma precisão em relação ao sujeito sobre o qual opera a psicanálise, defende que o sujeito da psicanálise não é o sujeito do enunciado. O sujeito do enunciado se colocaria do lado do eu, como fonte de enganos e identidade alienada. Ao mesmo tempo, Lacan indica que, a cada momento de enunciação, o sujeito desaparece sob o enunciado, pois o significante o substitui. Com tal primazia dada à linguagem, o corpo apresenta-se como materialidade e a linguagem como corpo sutil (LACAN, [1957] 1998). Ao dizer que tem um corpo, o homem une organismo e significante, fazendo um. É no *Seminário 9: A Identificação* ([1961-1962]) que, ao usar a topologia para abordar as relações entre sujeito e Outro, Lacan propõe pensar o estatuto do sujeito em sua

relação à linguagem, considerada como incompleta. Neste momento, sustentará que (1) o impossível está na origem da enunciação e, portanto, (2) o enunciado parte do nada, efeito da afirmação anterior. É este ponto de vazio que produzirá sujeito, o qual só pode ser suposto a partir da cadeia discursiva, mas que se encontra fora dela, como furo no discurso. O *Seminário 11: Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise* ([1964] 1990) coroa esse percurso ao explicitar a divisão do sujeito em relação ao Outro no famoso *cogito* lacaniano – *sou onde não penso; penso onde não sou*. É neste período que o conceito de pulsão é revisitado e o corpo mostra-se necessário para pensar sujeito.

Dito de outro modo: podemos considerar que há sujeito, logicamente falando (LACAN [1966-1967]), mas há também uma corporeidade que não pode deixar de insistir. O corpo deve ser abordado imaginariamente – função da imagem cativante e do olhar –, mas também em sua relação ao organismo que, apreendido pelo Outro, ou seja, apreendido simbolicamente, ganha estatuto humano. É a noção de litoral, como aquilo que faz borda entre elementos distintos – corpo e linguagem, sujeito dividido e objeto *a*, gozo e Outro – que permite questionar a (dis)junção entre corpo e sujeito. Ou seja: o corpo próprio é tanto mais meu quanto mais alienado na ordem do Outro e afastado da condição de puro organismo. O meu corpo, eu o *tenho*, é atributo de um sujeito.

Lacan não para por aí e, em busca de uma mostraçãõ da teoria psicanalítica e seus efeitos clínicos, leva adiante a criação de relações entre os registros real, simbólico e imaginário por meio do nó borromeu. Como defende Granon-Lafont (1990), o uso lacaniano dessa figura topológica – o nó borromeu – visa menos uma explicitação dos modos de articulação dos conceitos teóricos do que a criação de relações. Neste período, os modos de enodamento entre os registros, modos construídos, conduzem Lacan a questionar o que poderia caracterizar o corpo, pois, se o corpo é tridimensional e não é estranho ao real, tampouco pode ser situável aí. Lacan considera que o corpo, ao se distinguir do gozo-outro, do vivente, e do gozo fálico – simbolicamente constituído – deve situar-se ou ser inscrito do lado do imaginário, como consistência. O uso desse termo faz com que Lacan oponha, de um lado, o saco – pele que contém um tanto de órgãos, ilusão de coerência e coesão – e, de outro lado, a corda – aquilo que enoda, que mantém presos os elementos, cuja consistência é exterior ao conjunto. Os orifícios do corpo, as bordas e furos permitem considerar a comunicação entre exterior e interior, possibilitando que, para além da consistência

imaginária, o corpo funcione de modo operatório e situe a consistência topológica de cada um dos registros: real, simbólico e imaginário.

Em relação ao sujeito, o nó borromeu permite explicitar a sustentação do sujeito neurótico na realidade, o qual se apoia no Nome-do-Pai, como quarto elo, e no objeto *a*, como furo central. Essa construção topológica articula sujeito e corpo por meio de uma operação de apropriação que depende da linguagem. Poderíamos então dizer que, ao fim de sua obra, a problematização em relação ao corpo – este elemento constante e não conceitualmente definido – retorna nas construções lacanianas em relação à psicose, dentro e fora da teoria, junto e diz-junto, dizendo junto de corpo e sujeito, sem jamais igualá-los.

Ao final deste percurso, depois de sobrepor os planos temporais em relação ao eixo central da linguagem, vemos que a relação entre corpo e sujeito não se coloca de forma simples na psicanálise. Para falar do corpo, se faz necessário recorrer à invenção lacianiana dos três registros (PORGE, 2006). Para falar de sujeito, Lacan parece apostar sobremaneira na linguagem e no registro simbólico, mas esse projeto falha e novos arranjos se fazem necessários. Podemos considerar que o questionamento quanto aos modos de apresentação do afeto se mantém pela sua dupla incidência, como afetação do corpo e como afetação do sujeito. Em qualquer um dos caminhos escolhidos, é a clínica que servirá de guia para a construção da teoria.

ANGÚSTIA, UM AFETO DE EXCEÇÃO

Voltemos, então, ao tema do afeto e à formulação lacianiana mais famosa sobre o assunto: “a angústia é o afeto que não engana” (LACAN, [1962-1963] 2005). A fórmula lacianiana pode ser tomada, no mínimo, por duas vias distintas: (1) em relação à vivência subjetiva – o sujeito não se deixa enganar diante da vivência de angústia; (2) em relação à conceituação – o afeto difere do sentimento, *senti-ment*, em um jogo de homofonia no francês que pode ser timidamente traduzido como *senti-minto* ou *senti-mente*.

Encontra-se aqui uma primeira variação metodológica e conceitual em relação ao que vimos trabalhando. Não apenas Lacan se serve do afeto de angústia para elaborar sua concepção de objeto *a*, mas afirma que este afeto se coloca como modo privilegiado de aproximação ao objeto. Por não se deixar apreender ou esclarecer pelo significante, a angústia coloca em evidência a insuficiência da linguagem. Em relação à vivência do paciente, Lacan

apresentará a angústia como aquilo diante do qual o sujeito vacila por não poder nomear o que aí se apresenta. Ao perguntar a si mesmo o que representa para o desejo do Outro, não encontrará resposta, a menos que venha a nomear este Outro, o que de forma invertida dará um lugar ao próprio sujeito. Sem palavra para fazer intervalo, é o corpo que paga: vivência de angústia.

Há, como podemos perceber, fracasso da ordem simbólica, o que aponta para um mais além em que o corpo responde, como disjunto, despedaçado; não se trata do corpo imaginizado e também simbolizado da imagem reconhecida no estádio do espelho, mas da vivência de fragmentação corporal. Ora, se seguirmos esse desenvolvimento, veremos que Lacan ao abordar a angústia pouco recorre ao conceito de pulsão, centrando sua argumentação na relação entre sujeito e corpo, na vivência subjetiva de ter um corpo próprio, socialmente reconhecido, cujo contraponto se dá a ver em casos de psicose, em que o corpo é alheio. Como temos sustentado ao longo desse trabalho, a clínica se coloca como provocador das formulações teóricas lacanianas e a clínica das psicoses tem aqui um lugar privilegiado.

E é justamente a clínica que nos permite apreciar outro aforismo laciano forjado também no *Seminário 10*: “a angústia é o motor da análise” (LACAN, [1962-1963] 2005). Ao vincular angústia à transferência, Lacan enfatiza que a angústia cumpre uma função tanto para o paciente quanto para o analista, possibilitando o advento do ato: ato de interpretação, do analista, ato de mudança de posição subjetiva, do paciente, mas também *acting-out* e passagem ao ato, que podem simplesmente provocar a interrupção de uma análise. É interessante lembrar aqui a apresentação freudiana da transferência como motor do tratamento (FREUD, [1912] 1969), ao mesmo tempo em que se constitui como resistência ao andamento da análise. A angústia, de modo similar, é motor da análise e ponto de interrupção.

Retomemos, então, nosso percurso ao longo desse texto: (I) da oposição aos pós-freudianos – com os conceitos de contratransferência e análise das resistências – Lacan propõe uma objetivação da clínica que tem na materialidade do significante sua marca de inovação – considerando-se os três registros, real, simbólico e imaginário – e centra sua argumentação no conceito de transferência como atualização, por meio da fala, das vivências subjetivas, deslocamo-nos para (II) o reconhecimento da incompletude do simbólico que traz à baila as discussões sobre o corpo – que, no entanto, não tem estatuto conceitual –, e dirigimo-nos para (III) a releitura laciana da teoria freudiana que, considerando as discussões sobre o corpo, produz um novo conceito: o objeto *a*.

Parece-nos que alguns elementos podem ser destacados: afeto não se confunde com afetividade e não se coloca em oposição a uma intelectualização; o afeto implica o corpo, é afetação, portanto, não se confunde com sentimento. A transferência não deve ser considerada como um afeto – transferência positiva ou negativa –, mas, ao mesmo tempo deve ser melhor situada, de modo a localizar o corpo, tanto na produção sintomática do paciente, quanto na presença da figura do analista. O corpo conta na transferência. Cabe então perguntar: o que isso esclarece quanto a uma teorização lacaniana dos afetos? É na condição daquilo que não engana que Lacan pode vir a construir uma conceituação de afeto por meio da vivência clínica da angústia; vivência que o analista tem em sua prática, na direção da cura; vivência que lança o sujeito a uma posição de máximo de embaraço, precipitando-o ao ato. A angústia mantém-se como o afeto por excelência, pois não engana.

Feito tal percurso, arriscamo-nos a defender que há, sim, uma teorização lacaniana dos afetos que se coloca como limite e para-além do que se constitui nas discussões correntes na virada linguística de Lacan. O recurso à lógica e à topologia permite um outro modo de enfoque da prática clínica, do corpo, da posição do analista, da constituição do sujeito e de tantos outros aspectos relidos ao longo de seus anos de produção. Talvez pudéssemos simplesmente tomar as palavras do próprio Lacan, quando afirma: “Agora, o que se deve julgar é se minha ideia de que o inconsciente está estruturado como uma linguagem permite verificar mais seriamente o afeto” (LACAN, [1974-1975]). E, seguindo Lacan, ir além.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FREUD, Sigmund. (1895) *Projeto para uma Psicologia Científica*. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- _____. (1900) *A Interpretação dos Sonhos*. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- _____. (1905) *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- _____. (1912) *A Dinâmica da Transferência*. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- _____. (1915) *Os Instintos e suas Vicissitudes*. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- GRANON-LAFONT, Jeane. *A Topologia de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- LACAN, Jacques. (1932) *Da Psicose Paranóica em suas Relações com a Personalidade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- _____. (1933) *Motivos do Crime Paranoico: o crime das irmãs Papin* (inédito)

- _____. (1949) *O Estádio do Espelho como Formador da Função do Eu*. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____. (1953) *Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise*. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____. (1953-1954) *Seminário 1: Os Escritos Técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1983.
- _____. (1954-1955) *Seminário 2: O Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- _____. (1957) *A Instância da Letra no Inconsciente ou a Razão desde Freud*. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____. (1958) *A Significação do Falo*. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____. (1961) *A Direção do Tratamento e os Princípios de Seu Poder*. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____. (1961-1962) *Seminário 9: A Identificação* (inédito)
- _____. (1962-1963) *Seminário 10: A Angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- _____. (1964) *Seminário 11: Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- _____. (1972-1973) *Seminário 20: Mais, Ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- _____. (1974-1975) *Seminário 22: RSI* (inédito)
- _____. (1975-1976) *Seminário 23: O Sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- LE GAUFEY, Guy. *L'incomplétude du Symbolique: de René Descartes à Jacques Lacan*. Paris: EPEL, 1996.
- POLITZER, Georges. (1929) *Crítica dos Fundamentos da Psicologia: a psicologia e a psicanálise*. Piracicaba: UNIMEP, 1998.
- PORGE, Érik. *Jacques Lacan, um psicanalista: percurso de um ensinamento*. Brasília: Ed. Univ. Brasília, 2006.
- SOLER, Colette. *Les Affects Lacaniens*. Paris: PUF, 2011.